### POEMAS SOBRE A CIDADE - VOL.V ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR













# POEMAS Urbanos



#### ORGANIZADOR

# ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores

Obra protegida por direitos autorais Este e-book é parte integrante da Revista Conexão Literatura ISBN: 978-65-00-91797-0

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

# SUMÁRIO

#### CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SAMBA EM CADA ESQUINA, POR ALEXANDRE NEIVA DE ARAUJO, PÁG. 09

O SAMBA QUE EMBALA AS RUAS E ALMAS, POR ALEXANDRE NEIVA DE ARAUJO, PÁG. 11

PERCEPÇÃO FANTASIOSA, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 13

EU QUERIA VIVER UM GRANDE AMOR, POR FRANCISCO ALPHA, PÁG. 15

TOMARA QUE ACABE, POR FRANCISCO ALPHA, PÁG. 17

EUFORIA, POR GABRIELA ALCANTARA DE BARROS, PÁG. 19

EUFORIA, POR GABRIELA ALCANTARA DE BARROS, PAG. 19

ODE AO RIO, POR GABRIELA ALCANTARA DE BARROS, PÁG. 21

URBANÓIDE, POR JOÃO VITOR FARIA, PÁG. 24

ROBERTINHO, POR ACADEA, PÁG. 05

INFILTRAÇÃO, POR JOÃO VITOR FARIA, PÁG. 26

BREVE HORIZONTE, POR LINCOLN DE BARROS, PÁG. 28

RUA SÃO LUÍS, POR MATHEUS BUENO, PÁG. 30

VISITA À CIDADE DE GOIÁS - AS CRIANÇAS DA PRAÇA DO CHAFARIZ, POR MATHEUS BUENO, PÁG. 32

VISITA À CIDADE DE GOIÁS - ORAÇÃO DO VIAJANTE, POR MATHEUS BUENO, PÁG. 34
VISITA À CIDADE DE GOIÁS - AS RUAS DA CIDADE, POR MATHEUS BUENO, PÁG. 36
PERTURBAÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 38

LÁ FORA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 40

MÁSCARAS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 42

DESCONTROLADO FOGO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 45

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 47

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

# POEMAS Urbanos



POEMAS SOBRE A CIDADE - VOL.V ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



### Robertinho

### Por Acadea

Gaúcha, esposa e mãe. A escrita proporciona o voar sem asas, através de mundos que existem apenas na imaginação de cada um, singulares e infinitos.

@a.ca.de.a

Chegou a noite, cansado

Chinelo no pé, trocado

Reto à geladeira catando algo pra se encher,

Mas lá só tinha o arroz

E tinha de deixar pra depois

Para sua vozinha comer.

- Robertinho, deixa disso

Pode comer, eu insisto.

Diz a vozinha corcunda

Revoltado, quase ao pranto

Exclama: - Vou achar um trampo!

No máximo até segunda!

E de manhã ele foi pra escola

Estudar, brincar, jogar bola

Suou feito criança

E a tarde na calçada,

Baixo ao sol, vendendo limonada

Pra a noite ter algo na pança.

E na segunda: - Vó to indo!

- Mas o sol já está sumindo,

Onde vai neto tal hora?

- Me surgiu uma boa chance

De mostrar um possível desmanche

Desse azar nosso a fora.

Se seguiu todas as noites, à espreita

Papel, mochila, caneta

E volta toda noite com dinheiro.

E a vó chorosa e preocupada,

Imaginando horrores, coitada

- Será o que faz o desordeiro?
- Muleque, ai de mim!Se tiver vendendo coisa ruimPare, a vó perdoa!
- Coroa, não te espante
   Falou com calmo semblante:
- Eu vendo coisa boa.

Mas a cada vez que saia O mano lá do morro, Mesia Passou a desconfiar:

Se dinheiro ta aparecendo,
 Alguma coisa ta vendendo
 E minha parte tem que pagar!

Juntou dois parceiros Zé
Seguiram Robertinho a pé
Até um chique café inglês.
- Mas que muleque folgado,
Sai do barraco de compensado
Pra vir vender pra burguês.

Saiu tarde da noite
Vieram de pressa num açoite
E o pegou um de cada lado.
- Vamo te leva pro Mesia

Que manda na periferia,
Muleque, tu ta ferrado!

E subiram o morro, apressado O povo já todo empoleirado Querendo ver o que acontecia.

Nas janelas vizinhos se esgueirando

Dona Ana, Dona Jurema gritando

E o rosto triste da vó Maria.

Pediu que revistassem a mochila
O mano puxava tudo e ria
As notas de dez na mochila solta
E no fundo os papeis amaçados
Com um monte de garranchos, rabiscados.
- É isso que vendo! – Pulou de sua boca

O puxou para o lado, Mesia
Que ao menino ouvia e ria
Com seus papeis na mão.
E o povo que nada entendia
Se derretia em agonia
E se afogava na tensão.

Então tudo ficou quieto
Quando um dos papeis do neto
De Dona Maria ele leu,
Viram seus olhos se encher de lágrimas,
E numa profunda lástima dizer:
- O erro foi meu.

- O que ele vende é poesia,
   Histórias da nossa periferia
   Declamando alegria que vive nela!
   Limpando as lágrimas do rosto,
   Exclamou alto e com gosto:
- Ele é o poeta da favela!



# Samba em cada esquina

Por Alexandre Neiva de Araujo

Carioca, formado em Comunicação Social e Letras. Professor de Língua Portuguesa. Apaixonado por samba. Amante da cultura brasileira.

Nas vielas da cidade, o samba é o rei Onde a alma urbana dança a noite inteira Entre prédios, luzes e ruas a se entrelaçar O batuque ecoa, trazendo a primavera

Pelos caminhos estreitos, passos gingados vão
A cidade respira samba em cada esquina
É festa nos olhares, é música no chão
O coração da metrópole, uma roda que fascina

Nas esquinas agitadas, o pandeiro a vibrar A noite se colore, o céu se faz de estrelas Entre sorrisos e abraços, o samba a encantar A cidade se transforma, em melodias tão belas

No frenesi das avenidas, o samba segue em frente É um convite à alegria, um sorriso estampado Corações se abrem, o ritmo é eloquente A cidade em festa, em cada canto agitado

Pelos becos escondidos, a cidade revela
O samba é raiz, é cultura em movimento
É poesia nas calçadas, é magia que singela
Na paisagem urbana, é eterno sentimento

Em cada canto, uma história a se contar Cidade e samba, uma dança em comunhão Num bailado de culturas, sem cessar A cidade é samba, é viva emoção

E assim, nos versos da urbe a respirar O samba se entrelaça com a cidade Uma sinfonia em cada rua a pulsar Essa união eterna, é nossa felicidade.



# O samba que embala as ruas e almas

Por Alexandre Neiva de Araujo

Carioca, formado em Comunicação Social e Letras. Professor de Língua Portuguesa. Apaixonado por samba. Amante da cultura brasileira.

Nas ruas da cidade a brisa dança
Entre prédios altos e luzes que balançam
O asfalto pulsa ao som de um pandeiro
Ecoa o samba, ritmo verdadeiro

Pelas vielas estreitas, passos gingados A cidade respira samba nos seus quadros É batuque, é poesia, é alma a vibrar No coração do povo, o samba a pulsar

Nas esquinas, rodas de gente a sambar A noite se aquece, o coração a pulsar Entre sorrisos e olhares em comunhão A cidade se torna um palco, uma canção

No vaivém das ruas, o samba é guia Da alegria que se espalha, não se expia Corações se abrem, o ritmo faz brilhar A cidade, o samba, juntos a celebrar

Pelos becos, pelas avenidas a se cruzar A cidade e o samba se unem no pulsar Uma melodia eterna, um verso a cantar Na paisagem urbana, o samba a ecoar.



# Percepção fantasiosa

**Por Flavio Joppert** 

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

#### POEMAS URBANOS 5 - ADEMIR PASCALE (ORG)

Olho teus olhos.
Parecem doces.
Lábios vermelhos,
que dizem sim.

A voz que diz não é suave perfume que rompe o verão em chuva fria.

Acordo olho, vejo... No horizonte o sol. No relógio o desejo.

Os ponteiros marcam, mas não sei se é poente ou amanhecer?



### Eu queria viver um grande amor Por Francisco Alpha

Catarino Manuel Sebastião Francisco, nascido aos 25 de junho de 2000. Francisco como prefere ser chamado, é um escritor Angolano de Pais de São Tomé.

Francisco começou a escrever aos 14 anos, usava a escrita como forma de desabafo e uma escapatória a sua depressão.

Apesar de começar a escrever muito cedo, foi só aos 19 anos que decidiu mostrar seus escritos para o mundo, criando assim sua página no Facebook.

Francisco conta agora com dois livros publicados: "Meus Sonhos, Meu Mundo" e "Versos esquecidos".

Francisco acredita que escrever não é sobre dom ou talento, é sobre a capacidade de tirar para fora o que se sente por dentro.

#### POEMAS URBANOS 5 - ADEMIR PASCALE (ORG)

Tem dias que nem as músicas mais tristes conseguem me descrever

Tem dias que dói ser solitário

Dias que queria viver um grande amor

Alguém pra dar as mãos

Pra viver algo tão intenso como as ondas fortes do mar

Tão tocante como cada letra da Adele

Suave como uma canção de Djavan ...

É que eu não sei descrever, só sei que queria ser feliz

Pra mim amor não é essa mera superficialidade de beleza

Não é simplesmente dizer que tenho alguém

Amor é suspirar fundo

É ouvir uma música e doer por você não estar aqui

É te abraçar e cinco minutos depois... Sentir a tua falta

E pode até parecer sensível

Mas pra mim amor é ser intenso

É querer com todas as forças

É ficar triste sem motivos

É sorrir feito bobo por uma mensagem

É chorar por brigar com a pessoa amada...

Eu não sei descrever

Mas sinceramente, amor pra mim é tudo que não tenho, mas gostaria de viver



# Tomara que acabe

**Por Francisco Alpha** 

Catarino Manuel Sebastião Francisco, nascido aos 25 de junho de 2000. Francisco como prefere ser chamado, é um escritor Angolano de Pais de São Tomé.

Francisco começou a escrever aos 14 anos, usava a escrita como forma de desabafo e uma escapatória a sua depressão.

Apesar de começar a escrever muito cedo, foi só aos 19 anos que decidiu mostrar seus escritos para o mundo, criando assim sua página no Facebook.

Francisco conta agora com dois livros publicados: "Meus Sonhos, Meu Mundo" e "Versos esquecidos".

Francisco acredita que escrever não é sobre dom ou talento, é sobre a capacidade de tirar para fora o que se sente por dentro.

#### POEMAS URBANOS 5 - ADEMIR PASCALE (ORG)

Lembranças que atormentam

Feridas que ainda doem

Palavras que ainda machucam

E um futuro que ainda me assusta

Ansiedade, medo e depressão

Falta de ar e aperto no coração

Falta de motivação e forças pra continuar

Um pedido de socorro mas parece que não tem ninguém pra minha mão segurar

Sinto que estou a me afogar

Eu nado, nado e ainda assim continuo distante da margem

E todos os dias a mesma coisa

Eu acordo querendo dormir

E durmo rezando pra que tudo isso acabe

Que o amanhã seja melhor

Ou que ao menos eu não acorde mais, pra não ter de sentir tanta dor



# **Euforia**Por Gabriela Alcantara de Barros

Gabriela é carioca, poliglota e tem 32 anos. Começou a escrever seus primeiros poemas com 15 anos de idade. Viveu na França por 6 anos e é recém repatriada. Gosta de misturar diferentes idiomas na sua poesia (inglês, francês e português) e trata de temas como a natureza, a arte, o Rio de Janeiro, Paris e a melancolia.

Pular da cama ao acordar Vitamina de banana com cor solar Bom dia, astro do dia! Está na hora de levantar para nadar A caminho da Praia Vermelha Sol nascente às 6h30 Aterro cercado de esportistas De dia são atletas De noite tornam-se poetas Chegar na Urca é só alegria Trilha sonora de euforia Endorfina me domina Oxitocina me ativa Meu jackpot na loteria Pão de Açúcar à vista, Praia Vermelha Mergulho no mar como uma sereia Sensação melhor não há High na minha veia



# Ode ao Rio Por Gabriela Alcantara de Barros

Gabriela é carioca, poliglota e tem 32 anos. Começou a escrever seus primeiros poemas com 15 anos de idade. Viveu na França por 6 anos e é recém repatriada. Gosta de misturar diferentes idiomas na sua poesia (inglês, francês e português) e trata de temas como a natureza, a arte, o Rio de Janeiro, Paris e a melancolia.

Ī

Minha cidade, retrato da nossa imagem
Solar, brilhantina que ilumina
Os corações, de cada um que por ela pisa
Vou tatuar você a cada esquina
Te quero, para sempre minha, caravanas de euforia
Meu Redentor, seu esplendor me alucina
Onde já se viu estátua art déco mais linda?

Ш

Minha cidade, eterna como tatuagem
Suas silhuetas são de uma beleza
Que riqueza nenhuma pode roubar
Meus sonhos, doces como o Pão de Açúcar
Vívidos em meu espírito, como a claridade do luar

Ш

Nado todos os dias, sereia da alegria
Conto os sais, que lavam minha alma cantiga
Cercada de praias, montanhas e mata
Litoral nenhum há de se comparar
É tanta magia que hei de cantar

IV

Como pássaros, nesses galhos de árvores frutíferas

Do Aterro ao Flamengo, de Botafogo ao Leme

Me encontre no Caribrejo

Para um mergulho no mar

٧

O que falar de Santa, minha esperança Uma casa um dia eu hei de comprar

#### POEMAS URBANOS 5 – ADEMIR PASCALE (ORG)

Descendo suas ladeiras, vou atrás de cachoeiras

De asa delta, voar até a Gávea da Pedra

Atrás de um sorriso, um cartão postal



# **Urbanóide**Por João Vitor Faria

João Vitor Faria é natural do litoral norte de São Paulo, autor de 3 livretos de poesia já publicados: Licença nada Poética, Versos Avulsos para Qualquer Crush e Momentum, respectivamente. Hoje aos 24 anos (tendo começado a se interessar pela escrita aos 14) na fase adulta tomou tal atividade como objetivo principal de ascensão pessoal.

Novos caminhos, olhe!

Mas não novas estradas,

Daí chove, e no que me molhe

Certo que vias fiquem alagadas...

Fibra mesmo só a óptica
O consumo se resume saturado,
Reservando uma ideia anedótica
Pra esse amontoado metalizado...

Prédio, casa, barraco, concreto,
Carro, fumaça, buzina, escapamento indiscreto,
Galera, conversa, berra, caos repleto...

Som se confunde entre tons

Travado no susto dos bons

Instituindo a desgraça em cupons.



# Infiltração Por João Vitor Faria

João Vitor Faria é natural do litoral norte de São Paulo, autor de 3 livretos de poesia já publicados: Licença nada Poética, Versos Avulsos para Qualquer Crush e Momentum, respectivamente. Hoje aos 24 anos (tendo começado a se interessar pela escrita aos 14) na fase adulta tomou tal atividade como objetivo principal de ascensão pessoal.

Teto arrebenta, pinga e pinga,
Parede rachando, tomba e tomba,
Azulejo trincado, estilhaça e estilhaça,
Janela trancada, marcando e marcando...

Poste e cabos, emaranhado e enrolado, Meio fio desbotado, buraco e buraco, Vala aberta, fedendo e fedendo, Tráfico e tráfego, batendo e batendo!

Lei e porrada, errando e errando,

Dinheiro e miséria, crescendo e crescendo,

Relento no parlamento, tirando e atirando,

Alguns com muito poder, muitos sem o que fazer.



### **Breve Horizonte** Por Lincoln de Barros

Mineiro de Belo Horizonte, licenciado em Filosofia e mestre em Administração Pública, trabalhou muitos anos na área pública em informática e outro tanto em projetos para organismos internacionais de desenvolvimento econômico e social. Na juventude foi balconista de farmácia, motorista de táxi, gerente de locadora e sindicalista, entre outras experiências. Hoje aposentado, 75 anos, casado, três filhos criados e soltos no mundo, escreve.

Amo estas serras
ao entardecer.
São densas contra as nuvens de chumbo
verdes negras
depois da chuva.

Exceto a Piedade, azul.

Amo o que resta destas serras a moldura do Curral o resto da mata verde negra e sua encosta indefesa do galgar das casas.

Amo o feminino nestas serras a eternidade de suas entranhas doada em minério aos homens e o efêmero de seu perfil doado à cidade.

Amo estas serras breve e belo horizonte quando chove.



# Rua São Luís Por Matheus Bueno

Formado em engenharia de software pela IMT Atlantique Bretagne-Pays de la Loire e amante incondicional da poesia goiana, Matheus Bueno combina sua extensa bagagem cultural com o amor e respeito às tradições de seu povo para criar poemas profundos e reflexivos. Em sua página 'Diário do Fim do Mundo', ele versa sobre temas caros a todos nós, como saudade, amor e pertencimento.

Minha janela tem vista para rua

Os carros passam apressados.

A chuva fina banha o asfalto

Quase negro.

A noite, da minha janela

Que te tem vista para a rua.

Quantas histórias não contadas

Quantos becos, encruzilhadas

Quantas dores

Quanta sede

Em quantos caminhos deságua?

E a madrugada que envolve

Essa rua, minha janela.

Ali! Bem ali!

Debaixo do poste de luz

Vacilante.

A moça atravessou a rua

Virou a esquina

Sumiu na escuridão.

Para onde vai a essa hora?

Ainda mais nessa rua escura!

Aí! Não tem medo!?

Mas a rua não tem medo

A rua não tem alma

É imóvel, austera, alheia.

Meus olhos dançam e se perdem

Entre faróis, vermelhos e amarelos

A chuva enfim cessa

A rua adormece

E fecho minha janela.



# Visita à cidade de Goiás As crianças da praça do chafariz

Por Matheus Bueno

Formado em engenharia de software pela IMT Atlantique Bretagne-Pays de la Loire e amante incondicional da poesia goiana, Matheus Bueno combina sua extensa bagagem cultural com o amor e respeito às tradições de seu povo para criar poemas profundos e reflexivos. Em sua página 'Diário do Fim do Mundo', ele versa sobre temas caros a todos nós, como saudade, amor e pertencimento.

Elas jogavam bola As crianças da praça do chafariz

Naquele cenário idílico

Alheias a passagem do tempo

E aos muitos desafios que o futuro lhes reserva.

Unidas por fraternal juventude Ali se reuniam e celebravam Os laços, a alegria e a vida.

Queria eu, apenas um dia
Por mistério profundo ou milagre divino
Ser novamente criança
Alegre a brincar
Na praça do chafariz



# Visita à cidade de Goiás Oração do Viajante

Por Matheus Bueno

Formado em engenharia de software pela IMT Atlantique Bretagne-Pays de la Loire e amante incondicional da poesia goiana, Matheus Bueno combina sua extensa bagagem cultural com o amor e respeito às tradições de seu povo para criar poemas profundos e reflexivos. Em sua página 'Diário do Fim do Mundo', ele versa sobre temas caros a todos nós, como saudade, amor e pertencimento.

Posso ver bem ao longe Cobrindo os dentes da serra Nuvens d'água e de algodão Engolindo picos, derramando-se nos vales.

Comunhão divina entre céus e terra
Obra-prima da na natureza selvagem.
Os pássaros já lhe anunciam
Cantam loas em profunda gratidão
Ela virá! Certamente ela virá.

Chuva fresca e temporã
Carrega o esplendor do futuro
E o cheiro do amanhã.
Munido de alegria e inspiração
A Deus, teu criador
Dedico esta oração

Enche de amor o coração dos perdidos
Carrega pra longe seus negrumes e aflições.
Como água bendita que desce da serra
Trazendo renovo em caudalosa procissão
Renova a esperança das almas aflitas
Ampara os humildes
Conforta os corações.



### Visita à cidade de Goiás As ruas da cidade

**Por Matheus Bueno** 

Formado em engenharia de software pela IMT Atlantique Bretagne-Pays de la Loire e amante incondicional da poesia goiana, Matheus Bueno combina sua extensa bagagem cultural com o amor e respeito às tradições de seu povo para criar poemas profundos e reflexivos. Em sua página 'Diário do Fim do Mundo', ele versa sobre temas caros a todos nós, como saudade, amor e pertencimento.

Caminho sem a menor noção do tempo Em ruas de pedra e história Carrego comigo a poesia de Cora E volto ao passado em suas memórias

Nas ruas pacatas, mas densamente povoadas

De museus e galerias de toda sorte

Meus olhos se encantam e a cada esquina

Descubro a cidade e uma nova poesia

Ando pelas vielas e recolho pedaços

De cores e sabores que emanam daqui

Cosendo e tecendo com olhos brilhantes

Colcha de retalhos, enredo e memória

Pois nessas mesmas pedras que piso agora Gigantes eternos também já pisaram Nas terras de Veiga, de Octo e de Cora Me curvo em respeito, legado e história



## **Perturbação** Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Dormindo no Domingo, dia 31 de Dezembro, sem querer me atinar para segundo, minuto ou hora do final do dia - completo como todos os dias dos anos todos.

Quando num repente,
impiedosamente
acordada, fui.
Lá fora, foguetório.
Misto de belo e monstruoso!
Fulgurante, estrondoso,
fumacento... poluidor!

Para à zanga, não me engolfar, até um pequeno vídeo pela ocasião, gravei.
E aos amigos, enviei.
Mas, com um erro de Português na legenda... tardiamente percebido.

Meio dormindo, mas perturbada...
Menos agora, pela súbita
e ruidosa ostentação lá fora.
Mas pelo tropeço no idioma.
Frustrada, a me penitenciar,
na cama me refugiei.



### **Lá Fora** Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Lá fora, da janela, como uma pincelada de cal a cobrir a tela, quanta poluição! Oprimida paisagem! Doente.

Fazendo *Cooper*, as pessoas.
Ignorantes? Indiferentes?
E as garcinhas que voar precisam... inocentes.
Futuras gerações intoxicadas.

Os supostos entendidos, sem culpa ou punição, nas suas *green houses* se resguardam.
Sem agir, a maioria só olha pela janela... complacente.

E os "responsáveis"
governos,
nos seus "tronos".
Sem perceberem... (talvez)
que um dia,
sentados no seu lixo,
implodirão...



### **Máscaras** Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Aladas soltas no pensamento vazio.

Sem definitivas formas... ou simuladas.

Como leves translúcidas fluidas flâmulas,
em toscos recantos, tremulando.

Empalidecidos desconexos símbolos.

Por medo da luz fogem para a noite.

Juntam-se, camuflam-se para
se confundirem com o nada.

Deixam-se doer em segredos...
que temidos, dilaceram qualquer força.
Se chegam a uma ordem se disporem,
criptografadas mensagens resultam.

Para nunca deixarem marcas...
são folhas sem nome, sem origem...
o não abalarem a tranquilidade
das águas de nenhum destino.

E soltas, leves, mas desconexas, seguem com o véu baixado.

Desconsolam a mente que em vão, se desmente.

Provocam secretivos delírios que se juntam e se perdem. São cativas de desejos ou lampejos de fragor ardente.

São desesperados toques sem retoques nem clamor.

Filhas do silêncio, quando relaxa e repousa, um corpo réu.

Desalinhado pensar que em lágrimas que não acalmam esse ardor, agoniza. E, por não saber decifrar aspirações, nunca troca mensagens de amor.



# Descontrolado fogo

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Da catedral à biblioteca e ao museu...
Cultura, história, o fogo a "comer"...
E a sofrerem os nossos corações
que, do deslumbramento que dalí fluía,
se nutriam.

E, no mosaico do que fica, a flamejar junto às paredes que arderam, mais um pedacinho de mim, de ti, de todos.

As fagulhas que em meio à fumaça, sobem... abrasam no céu, o horror da fragilidade e da efemeridade do que somos.

Ou, que por descuido, permitimos desfazer.

### CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

#### SELO CONEXÃO LITERATURA





TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI** 

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG